

Identidades negras inscritas nas ruas de São Paulo no século XX**Zélia Lopes da SILVA***

Resumo: Este texto tem como mote de reflexão as homenagens aos negros, homens e mulheres, inscritas nas ruas e praças de São Paulo, em tempos distintos, do período republicano. Os escolhidos se projetaram no cenário nacional pelas suas realizações e pelas causas que defenderam em sua contemporaneidade. Algumas homenagens expressam o reconhecimento do protagonismo dos negros na defesa da abolição da escravidão, a exemplo do busto pago pelas lideranças negras, dedicado ao poeta Luiz Gama, afixado no Largo do Arouche (nov/1931). E, ainda, os nomes de ruas dedicados aos engenheiros André Rebouças (aboliconista) e Theodoro Sampaio. Simbolicamente a escultura Mãe Preta (inaugurada em jan/1955 no Largo do Paissandu), sintetiza o momento de negociação entre as elites brancas e as lideranças negras, na disputa pela memória e pela inserção do grupo nos acontecimentos do IV Centenário da Cidade de São Paulo em 1954. Objetiva-se, portanto, arguir o sentido e o alcance dessas homenagens.

Palavras-chave: Identidades negras. Memoriais negros. Memoriais de ruas.

Black identities inscribed on the streets of São Paulo in the 20th century

Abstract: This text has as a point of reflection the homages to black people, men and women, inscribed in the streets and squares of São Paulo, in different times of the republican period. The chosen ones were projected in the national scene by their accomplishments and by the causes they defended in their contemporaneity. Some tributes express the recognition of black people as protagonist in the defense of the slavery's abolition, such as the bust statue paid by black leaders, which was dedicated to the black poet Luiz Gama, and was affixed in Largo do Arouche square (Nov/1931), and the street names dedicated to the engineers André Rebouças (an abolitionist) and Theodoro Sampaio. Symbolically, the Mãe Preta sculpture (inaugurated in January 1955 in Largo do Paissandu square) synthesizes the moment of negotiation between white elites and black leaders, in the dispute for the memory

* Professora Doutora - Departamento de História e colaboradora do Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). São Paulo, Brasil. Avenida Dom Antonio, 2.100 - CEP 19. 806-900 - Assis – São Paulo. Tel. (18) 3302-5800. E-mail: zelia.lopes@terra.com.br

and the insertion of the group in the events of the IV Centenary of the City of São Paulo in 1954. Therefore, it is intended to argue the meaning and the scope of these honors.

Keywords: Black identities. Black memorials. Street memorials.

Introdução

Quanto a mim, desejo apresentar-me ao juiz supremo, dizendo: “trabalhei o quanto pude para extirpar do mundo o monopólio da terra e a escravização dos homens”

(André Rebouças. In: Registro de Correspondências, 19/06/1891).¹

O foco destas reflexões² volta-se às homenagens aos negros, expressas em esculturas e em placas indicativas de ruas da cidade de São Paulo. Esses tributos ocorreram em momentos distintos do século XX. O busto dedicado a Luiz Gama foi iniciativa das lideranças negras em reconhecimento aos seus esforços no sentido de acabar com a escravidão dos pretos no país. As indicações da escultura Mãe Preta e de ruas com os nomes dos engenheiros André Rebouças (que se notabilizou pela defesa da abolição da escravidão) e Theodoro Sampaio passaram pelos circuitos convencionais: a Câmara Municipal de São Paulo e os Prefeitos da cidade. Tais honrarias configuram o reconhecimento de intervenções desses protagonistas em defesa de causas meritórias relevantes ou decorrente de engajamento em atividades de trabalho consideradas fundamentais para a cidade e para o país.

A indicação para integrar o panteão dos homenageados e tornar-se homem ou mulher memória não é trivial por se tratar de prerrogativa atribuída aqueles que encarnam valores que apenas os heróis são capazes de atender, dentre eles desprendimento de interesses pessoais, sacrifícios em nome de uma causa, e disposição solidária para com os demais. São sujeitos, homens ou mulheres, que expõem virtudes que são dignas de admiração e de reconhecimento pelo conjunto da coletividade e, por isso, se tornam exemplos e referências aos demais membros do grupo. Considerando essas formulações, pretende-se arguir os sentidos desses marcos memoriais para os negros nessa trajetória e, ainda, nos dias atuais, mesmo sabendo que eles têm a pretensão de atravessar os séculos pois se inscrevem num tempo memorial cujos limites não são o aqui e o agora.

Quem eram os homenageados? Em qual contexto se deu a homenagem? E por que? Elas podem ser consideradas restritivas aos negros, ou descolam-se do grupo? O que fizeram para merecer tamanha honraria? Independentemente de qualquer caminho a ser

seguido, a discussão do assunto busca demarcar questões identitárias em relação ao grupo e também além de seu universo.

Identificar cada um desses sujeitos em sua trajetória de vida apresenta-se como um caminho para deslindar os motivos que os levaram a tornar-se homem e mulher memória, como conceitua Pierre Nora (1993). A escolha inicial foi aleatória e não tinha a pretensão de recuperar todas as pessoas negras que passaram a ter tal atributo de nomear ruas de São Paulo e, também, figurarem em forma escultórica em praça pública da capital.

Como veremos a seguir, a lista de homenageados não envolve muitas pessoas. Certamente, seria interessante incluí-los nessas reflexões, se não envolvesse protagonistas com histórias de vida e ações políticas, culturais e profissionais abrangentes que não comportam nas dimensões de um artigo.

Sendo assim, neste texto, as reflexões voltaram-se para algumas dessas pessoas que foram homenageadas por iniciativa de grupos e pelo seu papel de constructo do país, a exemplo de André Pinto Rebouças e Theodoro Fernandes Sampaio, na qualidade de engenheiros, que se projetaram nos séculos XIX e início do XX (no caso de Theodoro Sampaio) em suas atividades nesse campo. Atuando no mesmo campo, as ações de ambos são bastante distintas. Por exemplo, Theodoro Sampaio ampara-se em suas realizações enquanto engenheiro que percorreu caminhos mapeando rios, flora e fauna que ficaram registradas em seus desenhos e trabalhos etnográficos sobre as populações que habitavam os ditos rincões, objeto de seus registros. André Rebouças se sobrepõe por seus projetos de modernidade para o país e a atuação política em defesa da abolição da escravidão. Luiz Gama também ficou conhecido por sua atuação no movimento abolicionista, o que não significa que suas trajetórias pessoais sejam semelhantes. Já a Mãe Preta, escultura dedicada às mulheres negras, remete ao seu papel desempenhado no período da escravidão. Ela foi recortada pela perspectiva da maternidade, cuja simbologia projeta-se muito além dessa dimensão. Por ser uma mulher-síntese, transita entre a construção mítica de um ser que é obrigado a esquecer o seu próprio filho e se dedicar aos filhos de seus senhores, com desvelo, abstraindo-se de sua condição de escrava e de possíveis mágoas que teriam sido recalçadas em seu processo de perda de identidade e de total submissão ao cativo. Ela encarnaria a generosidade e a capacidade de perdão do ser humano, até mesmo de superar a cruel perda de sua condição de mulher e mãe, prevalecendo no gesto de amamentar o filho de seu algoz a sua altivez e humanidade³.

Identidades possíveis: Os protagonistas, mote das homenagens

Antes de prosseguir, pesquisas mais verticalizadas trouxeram à baila que as personalidades acima mencionadas não são as únicas que tiveram esse triunfo sendo possível recuperar os nomes de negros e mestiços que foram agraciados com tal honraria ao longo do século XX. Assim, o *Quadro 1* expõe os nomes desses protagonistas que se projetaram em diversos campos do conhecimento que passaram a integrar o panteão memorial de brasileiros ilustres, cujos feitos ocorridos durante os séculos XIX e XX foram reconhecidos e tornados públicos nas homenagens de seus nomes a ruas e praças das cidades do país, dentre elas São Paulo, capital. São eles:

Nome	Tipo de homenagem	Profissão
Torres Homem	Avenida Torres Homem (Perdizes)	Político
Afonso Henriques de Lima Barreto	Rua Lima Barreto	Literato, jornalista
Theodoro Fernandes Sampaio	Rua Teodoro Sampaio (Pinheiros)	Engenheiro/desenhista
José Carlos do Patrocínio	Rua José do Patrocínio	Farmacêutico, jornalista, escritor, orador e ativista político brasileiro
Joaquim Maria Machado de Assis	Rua Machado de Assis	Literato, jornalista
Luiz Gonzaga Pinto da Gama	Busto – Largo do Arouche /Rua Luiz Gama	Poeta, advogado
Mário Raul Moraes de Andrade	Rua Mário de Andrade (Santa Cecília)	Músico, literato
João da Cruz e Sousa	Rua Cruz e Sousa	Intelectual (filósofo)
André Pinto Rebouças	Rua André Rebouças	Engenheiro, ativista político contra a escravidão negra
Antonio Pereira Rebouças Filho ⁴	Avenida Rebouças/SP	Engenheiro Construiu ferrovias, em São Paulo e no Paraná
Carlos Marighela ⁵	Rua Carlos Marighela	Político (rebelde dos anos 1960)
Zumbi dos Palmares	Rua Zumbi dos Palmares (Vila dos Palmares, São Paulo/SP)	Rebelde (militar, do período colonial, que liderou a resistência contra a escravidão negra)

Quadro 1: Personalidades negras homenageadas nas ruas de São Paulo – século XX⁶

Fonte: <http://afrokut.com.br/9-negros-que-dao-nome-a-ruas-e-avenidas-de-sao-paulo/>

Acesso em: 21 ago. 2017.

Ao sistematizarmos suas atividades, temos o perfil que se desenha no Gráfico I, destacando as profissões e atividades a partir das quais esses sujeitos se projetaram socialmente, indo muito além daquilo que a sociedade de então oferecia aos homens e mulheres de segmentos sociais não abastados e, muito menos, aos negros. Percebe-se que foram homens que tiveram múltiplas atividades e não apenas aquelas vinculadas a sua profissão originária podendo ser nomeados de intelectuais polígrafos, próprios de sua época, trânsito esse que torna qualquer classificação um artifício aproximativo para fins de análise.

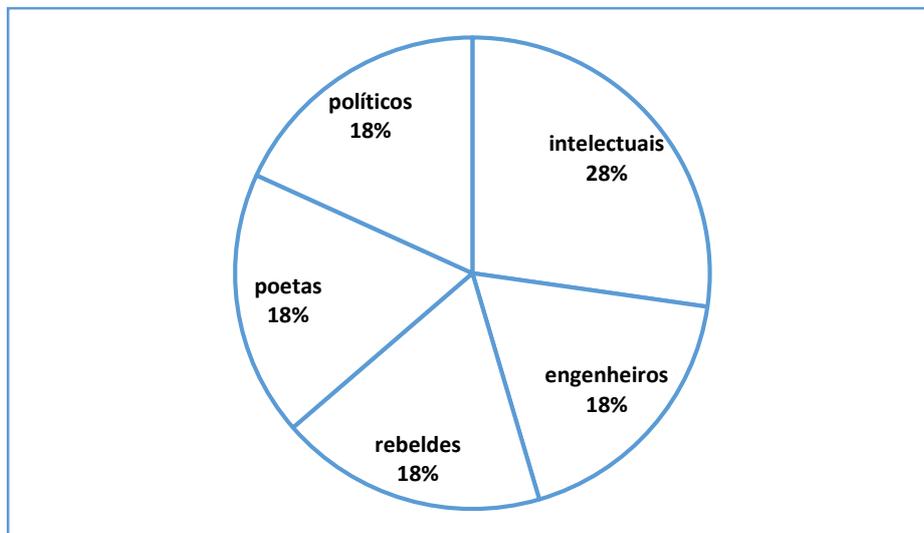


Gráfico 1: Profissões e ativismo político dos protagonistas laureados

Fonte: <http://afrokut.com.br/9-negros-que-dao-nome-a-ruas-e-avenidas-de-sao-paulo/>
Acesso em: 21 ago. 2017

Porém, apenas três destes homens notáveis serão analisados nesse texto, cumprindo assim o nosso intento inicial que se define em torno de um grupo menor, envolvendo duas esculturas e duas ruas que homenageiam integrantes da listagem acima. A relevância desses protagonistas tornaria qualquer abordagem (por mais ambiciosa que fosse) sempre limitada por questão de espaço, para traçar o perfil individual de cada um deles.

Assim, conforme o *Quadro 2*, a seguir, tem-se os monumentos relativos aqueles que prolongaram sua notoriedade, ao terem os seus nomes inscritos para a posteridade, no espaço público da cidade de São Paulo, como nome de rua ou por meio de estátuas. Dentre eles, destacam-se as esculturas dedicadas à mulher preta e ao poeta e abolicionista Luiz Gama e os nomes de logradouros atribuídos aos engenheiros pretos André Rebouças e Theodoro Sampaio, cujas militâncias na área da engenharia remontam ao século XIX e início do século XX.

Nome	Tipo de Homenagem	Data
Luiz Gonzaga Pinto da Gama	Busto – Largo do Arouche Rua Luiz Gama - Mooca	22/11/1931 13/07/1933
Mãe Preta	Escultura – Largo do Paissandu	25/01/1955
André Pinto Rebouças	Rua André Rebouças ⁷ – Vila Nilza/Lapa	02/10/1964
Theodoro Fernandes Sampaio	Rua Teodoro Sampaio ⁸ – bairro de Pinheiros	24/08/1916

Quadro 2: Homenagens aos negros nas ruas de São Paulo – 1916 - 1964

Fontes: CARVALHO, 1998; COSTA, 2007; LOPES, 2007;

Prosseguindo a discussão, reportarei inicialmente à figura de Luiz Gama (1830-1882) que nasceu livre, em Salvador, em 21 de junho de 1830. Sua mãe chamava-se Luiza Mahin e seu pai era um português. Em 1837, Luiza foi para o Rio de Janeiro por envolvimento nas rebeliões da Bahia, tendo desaparecido nessa ocasião, em decorrência de suas atividades de militância política contra a escravidão. O seu pai o vendeu como escravo aos dez anos⁹.

Aos dezoito anos Gama aprendeu a ler e escrever sozinho, o que permitiu conseguir as provas relativas à sua condição de criança livre, ao nascer. Continuou os seus estudos como autodidata, tornando-se advogado, sem ter cursado direito. Pelo seu talento e conhecimentos jurídicos (pré-requisito essencial do período), pôde exercer a profissão tornando-se um “intelectual apurado” e reconhecido entre os seus pares do mundo intelectual e jornalístico de São Paulo. Destacou-se por suas atividades como jornalista, integrando um grupo de intelectuais republicanos e anticlericais, como por exemplo, Ângelo Agostini (1843-1910), com o qual “[...] ajuda a fundar os primeiros periódicos ilustrados de São Paulo, o *Diabo Coxo* (1864-1865) e *Cabrião* (1866-1867), publicações fortemente marcadas por posturas anticlericais e antimonárquicas, temas recorrentes nos escritos de Gama.” (FERREIRA, 2007, p. 273).

Além dessas experiências, na década seguinte, criou outros jornais, a exemplo de o semanário *O Polichinelo*, sendo o seu proprietário e redator¹⁰. Os jornais eram suas armas de combate contra a escravidão e contra “a falsidade de nossas elites”, desmascarando pela imprensa, os cléricos e os magistrados que deram sustentação à escravidão, por serem ambos possuidores de escravos e parte interessada em sua manutenção. Os magistrados sustentaram sentenças pífias e erradas, o que serviu de mote de suas arguições jurídicas e combates em seus escritos (COMPARATO, 2012, p. 356).

Certamente ele não se fez sozinho, tendo a ajuda de amigos poderosos. Lígia Fonseca Ferreira destaca as suas redes de relações e de proteção, tais quais assinalados no extrato abaixo:

Luiz Gama evolui cotidianamente no universo jurídico, do qual fazem parte também seus principais aliados. Seu amigo e protetor, conselheiro Furtado de Mendonça, chefe da polícia de São Paulo, a quem Luiz Gama dedica as *Primeiras trovas burlescas*, é professor e bibliotecário-chefe da Faculdade de Direito, o que nos autoriza supor que, graças a ele, Luiz Gama, leitor voraz, teve acesso àquele recinto. (FERREIRA, 2007, p. 274).

Os seus conhecimentos jurídicos foram acionados para defender aqueles submetidos ao cativo e não apenas para bradar contra tal situação de injustiça. As pesquisas apontam que ele tirou do cativo ilegal mais de quinhentos escravos, notabilizando-se no Brasil por esses feitos em defesa daqueles que se encontravam privados de liberdade.

Os 101 anos de Luiz Gama foram festejados em 23 de junho de 1931 pelo jornal negro *Progresso*, que tinha como editor Lino Guedes, que integrava o grupo de ativistas negros e que também estavam vinculados ao Cordão Carnavalesco “Campos Elyseos”. O jornal e o grupo a ele vinculado além de prestar os tributos no dia 21, data do aniversário de nascimento de Luiz Gonzaga Pinto da Gama, se mobilizou para homenageá-lo com um monumento de bronze em Praça pública que seria afixado no Largo do Arouche. Para isso, fez uma série de atividades culturais para arrecadar fundos com esse objetivo. O trecho da matéria de o *Progresso* diz o seguinte:

Passou no dia 21, o 101º aniversário do nascimento daquele que se chamou Luiz Gonzaga Pinto da Gama. É justo que o Brasil celebre o nome desse abolicionista heroico e jornalista destemido, que sonhou, com a redempção de seus irmãos [...]. Combateu pela tribuna, pelo foro, pelo jornalismo as suas ideias (A grande iniciativa..., 1931, Num.37, (1).

O retrato de época de Luiz Gama mostra uma figura com trajes característicos, comuns aos homens do século XIX. Embora apareça imponente, a sua dedicação à causa abolicionista levou-o a uma vida simples, para si e sua família, que sobreviveu com muitos sacrifícios, considerando os seus poucos recursos e o recorrente investimento na causa de libertação dos escravizados. Esse perfil de despojamento e sacrifícios pessoais em nome de uma causa maior, serviram para reforçar a importância de seus feitos que foram imortalizados de diferentes maneiras e representações (CHARTIER, 2011)¹¹ pelas gerações negras subsequentes.



Imagem 1: Luiz Gonzaga Pinto da Gama (21/06/1830-24/08/1882)

Fonte: Imagem formatada a partir de foto que ilustra placa de rua

https://www.google.com.br/search?q=luiz+gama+afrokut&sa=X&tbn=isch&tbo=u&source=uni v&ved=2ahUKEwj7_CQ7cLeAhVCGJAKHWcpD1cQ7Al6BAgFEA8&biw=1920&bih=938

Acesso em maio de 2018

O reconhecimento aludido foi lembrado pelo jornal *Progresso*, que dando continuidade à homenagem a Gama, insiste que sua memória vive entre aqueles que foram beneficiados com as suas ações. O trecho abaixo expõe essa memória viva que teria perpassado sucessivas gerações.

Luiz Gama, não obstante o tempo decorrido de sua morte, permaneceu na memória de todos aqueles que usufruem o bem estar, com que o sacrifício da própria vida soube para eles conquistar o grande mestiço. Oxalá que o espírito do autor de *Trovas Burlescas* transformado em vento de tempestade, reside de novo no bronze de sua figura, dando-nos ainda uma vez, numa ilusão dos olhos e dos ouvidos, a impressão de seu gesto e da sua palavra (A grande iniciativa..., 1931, Num.37, (1).

Em 31 de julho de 1931 o periódico informa o local que a estátua de bronze será colocada e descreve as suas características e motivações daqueles que tiveram a iniciativa do tributo.

[...] Será colocada na parte ajardinada do Largo do Arouche.

O pedestal de granito feito de linhas sóbrias, terá uma placa de bronze trabalhada onde se lê não só o nome do abolicionista-poeta como a dedicatória do “*Progresso*”, em nome dos pretos do Brasil. Nas faces lateraes do pedestal em incrustações, lê-se de um lado uma grande phase do jornalista destemido e do outro um verso de uma de suas melhores poesias que define o caracter impoluto da Raça grande que ora num movimento coletivo tem o lindo gesto de trazer para a praça publica um dos

seus lídimos ornamentos. (Progresso, S. Paulo, 31 de julho de 1931, Num. 38, (p.1).

No monumento final afixado no Largo do Arouche tem as seguintes informações relativas ao busto de bronze (1,55x 0,60) de Luiz Gama cuja autoria foi de Yolando Mallozzi.

Na face frontal do pedestal encontra-se os dizeres *Luiz Gama por iniciativa do Progresso. Homenagem dos pretos do Brasil.* (Ainda) na face frontal do pedestal, a placa de bronze que informa os nomes da Comissão Executiva: Argentino Celso Vanderley; Horácio da Cunha; Adalberto Pires de Freitas; Benedito Henrique Dias; Henrique Silvério do Santos; João Eugenio da Costa; Raul de Moraes; Lino Guedes: São Paulo, 22.11. 1931. Granito oferecido pelo G. C. Campos Eliseos. (Catálogo de obras de arte...1987, p. 136).

Já André Pinto Rebouças destaca-se por sua trajetória político-profissional de combate à escravidão e de realizações extraordinárias na área da engenharia. Tais atributos inscrevem o seu nome no panteão dos heróis nacionais tal a amplitude de suas propostas para diferentes aspectos visando a organização e preservação do país, inclusive em relação ao meio ambiente. Mesmo que tardiamente, o seu nome integra a toponímia de várias cidades ou regiões brasileiras ao longo do século XX. Rebouças denomina rua em São Paulo – capital, em Curitiba/PR, Pernambuco, Ceará, Bahia; túnel, no Rio de Janeiro (homenagem essa que se estende a Antonio Rebouças, seu irmão) e, mais recentemente, nome de navio. Quem era esse engenheiro negro que conseguiu se projetar no século XIX, independentemente ser um período de vigência da escravidão? Qual sua origem e trajetória de vida?

André Rebouças nasceu no dia 13 de janeiro de 1838, na cidade de Cachoeira, na Bahia. Era proveniente de uma família de negros livres com recursos e formação profissional de prestígio, a considerar a formação de seus tios: um deles era músico, o outro era médico e o pai, advogado e político. André era o filho primogênito de Antônio Pereira Rebouças, advogado autodidata e Carolina Pinto Rebouças (filha única de um comerciante)¹². Ainda na infância a família foi morar no Rio de Janeiro. Dentre os oito filhos do casal, “André e Antônio foram alfabetizados por seu pai e, já morando na Corte, frequentaram alguns colégios até ingressarem na Escola Militar, depois chamada Central e, por fim, Escola Politécnica, no Largo do São Francisco.” (CARVALHO, 1998, p. 11). De 1854 a 1857, concluíram as disciplinas “preparatórias” tendo sido promovidos a 2º tenente do Corpo de Engenheiros. Completaram os estudos na Escola de Aplicação da Praia Vermelha em 1860.

Após a formatura fizeram uma viagem de estudos à Europa, financiada pelo pai, que durou de fevereiro de 1861 a novembro de 1862. Ao retornarem ao país os irmãos (que eram muito amigos) trabalharam juntos, sob o comando de André, em vários projetos arrojados que visavam a modernização do país, como estradas de ferro, modernização dos portos pelo Brasil afora¹³. Desempenhou várias atividades no campo da engenharia, e serviu por alguns anos como engenheiro militar na Guerra do Paraguai. Consta no histórico escolar de Theodoro Sampaio que ele teria sido o seu professor no curso de engenharia, na então Corte, a cidade do Rio de Janeiro. Segundo Pessanha, essa atividade de Rebouças teve início em 1867:

[Rebouças] ingressou em 1867 como professor da Escola Central, que posteriormente passou a ser denominada Escola Politécnica. Lecionou diversas cadeiras: Cálculo, Botânica, Zoologia, Estática, Arquitetura, Construção e Resistência dos Materiais. A atividade como engenheiro também ligou-se ao Clube de Engenharia. Em 1880, foi seu sócio-fundador e teve diversos artigos publicados na revista deste Instituto.(PESSANHA, 2013, p. 2).

Nesse percurso, além das diferentes iniciativas profissionais no campo da engenharia, André participou ativamente na luta contra a escravidão negra no país. O seu envolvimento com a campanha antiescravista da cidade do Rio de Janeiro se manifesta pelos artigos publicados na imprensa e pela atuação na Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, na Confederação Abolicionista, na Sociedade Central de Imigração e nos *meetings* abolicionistas (PESSANHA, 2013). É consenso entre seus amigos abolicionistas, como Alfredo Taunay e Joaquim Nabuco, o seu papel ativo nas reflexões sobre o assunto, encaminhando várias questões, embora ele não fosse orador nos eventos políticos. Com a abolição da escravidão que em seu entendimento era um passo importante embora ainda incompleto, a expectativa era que fosse assegurado aos negros libertos o acesso a um pedaço de terra, condição necessária para o seu sustento.

Entretanto, Rebouças sabia das dificuldades para inserção dos negros na sociedade brasileira porque vivera, ele mesmo, os percalços de ser negro numa sociedade de minoria branca, apesar de seu círculo de relações e de convívio estreito com o imperador servir de proteção, evitando mais golpes e insultos (alguns velados, outros não) em decorrência de sua cor. A esse respeito, no texto *“O Negro André”: a questão racial na vida e no pensamento do abolicionista André Rebouças*, Anita Maria Pequeno Soares explicita os diversos momentos de preconceitos sofridos por André Rebouças, no Brasil e no exterior, que ficaram registrados em seus escritos. Diz a autora que “O racismo aflora com frequência em seus escritos pessoais como responsável por alguns insucessos profissionais. Ele cita,

por exemplo.” (SOARES, 2017, p, 247) no trecho recuperado por Joselice Jucá o seguinte:

[...] quando em dezembro de 1860, por malditos preconceitos de cor, negaram a mim e ao Antonio o prêmio de viagem à Europa e até o concurso aprovado pelo regulamento da escola redigido pelo liberal ministro J. Francisco Coelho, disse meu pai: “Minha Carolina (sua mãe), venderei os meus livros, mas os meninos hão de terminar sua educação na Europa”. (Apud SOARES, 2017, p, 247).

Em outras ocasiões esses preconceitos se manifestaram no Brasil e, de forma contundente nos Estados Unidos. Soares, citando Joselice Jucá, informa suas dificuldades enfrentadas em Nova York em decorrência de sua cor.

Em Nova Iorque, vários hotéis recusaram-lhe acomodação. Ele teve que se valer da intermediação do Consulado Brasileiro e da intervenção do coronel Henrique Ferreira de Aguiar, do ministro João Pedro de Carvalho Borges e do engenheiro José Américo dos Santos para ser aceito, finalmente, como hóspede do Washington Hotel, em um “quarto com saída imediata para a praça, com a condição de comer no quarto e nunca no restaurante”. Ele registra essas dificuldades minuciosamente em seu diário: “[...] compreendi que era a dificuldade da cor a causa das recusas de aposentos”. Em outras oportunidades, apenas por motivo de preconceito racial, Rebouças foi barrado na entrada da Grand Opera House, um dos seus programas preferidos, e em diversas outras ocasiões ele teve problemas em restaurantes. (Apud SOARES, 2017, p, 248).

Diante desse quadro, a queda da Monarquia deixou Rebouças desorientado em termos pessoais e políticos, perdendo parte de suas referências de mundo¹⁴. Optou por autoexílio em 1889, acompanhando a Corte imperial, gesto visto como ato de fidelidade ao Imperador Pedro II. As explicações dadas sinalizam, contudo, tratar-se de uma atitude coerente com suas convicções políticas e certo esgotamento de suas possibilidades de criar um novo momento onde coubesse as suas utopias. Fixou-se em Portugal desenvolvendo atividades jornalísticas para os jornais *Gazeta de Portugal* e *The Times*, de Londres. Em 1892, transferiu-se para Cannes, na França, a pedido de D. Pedro II, lá permanecendo até o falecimento do imperador.

Após este momento, viajou à África numa espécie de encontro consigo mesmo, entusiasmo esse arrefecido nos primeiros momentos vividos na África do Sul, ao constatar a barbárie praticada pelos colonizadores em suas relações com os africanos submetidos a regimes próximos à escravidão.

Nesse sentido, o reencontro consigo mesmo e com uma África foi diferente de suas utopias pelos problemas de violência e preconceitos presenciados contra os negros. Se a consciência de sua negritude se acentuara em sua viagem aos Estados Unidos por ser

barrado em teatro (amava ópera) e ter muitas dificuldades de hospedagem em hotel, precisando da interferência de sua rede de relações dos circuitos diplomáticos brasileiro, na África, o entusiasmo de sua transformação em “negro André”, brasileiro e africano simultaneamente sofre um grande revés.

Diferentemente da historiografia que atribui a culminância da assimilação de sua negritude no momento de sua decisão de ir à África, os indícios sugerem, segundo entendo, que ele tinha consciência plena de sua marginalidade muito antes dessa reviravolta. Sabe-se que houve recusa de alguns colégios de sua matrícula e do irmão, Antônio Rebouças. Já adulto vivera, em momentos distintos de sua vida, a experiência de exclusão e de preconceitos: ao ser preterido para bolsa de estudo no exterior, a recusa de uma simples dança com uma dama da aristocracia pelo fato de ser negro (SOARES, 2017) e, sua exclusão em concurso para o cargo de professor do Colégio Central.

A experiência vivida na África deixou-o temeroso e ao mesmo tempo desencantado em relação às possibilidades de ocorrência do processo civilizatório. Voltou a Portugal e instalou-se na Ilha da Madeira, processo marcado por acentuada desesperança, o que provocou ainda mais abalo em sua saúde. Arruinado financeiramente, o seu corpo foi achado na base de um penhasco, nas proximidades do Hotel em que morava nessa Ilha (último local de seu autoexílio), em 9 de maio de 1898¹⁵.

A síntese de sua trajetória, vitoriosa, foi registrada em uma homenagem pública, recentemente, numa grande placa publicitária na cidade de São Paulo, sobre os homens que dão nomes as suas ruas. Os registros memoriais reafirmados sobre o protagonista André Rebouças foram os laços de proximidade com o imperador e os atributos que, nessa perspectiva, o tornam singular, quais sejam: “Homem de confiança de Pedro II, engenheiro de obras impossíveis e líder do movimento abolicionista”. A Avenida Rebouças, a despeito da homenagem, é dedicada a Antonio Pereira Rebouças Filho, seu irmão, igualmente engenheiro e parceiro nas muitas realizações inovadoras na área de engenharia.

**Imagem 2:** André Rebouças (13/01/1838-9/05/1898)**Fonte:** https://pt.wikipedia.org/wiki/Andr%C3%A9_Rebou%C3%A7as.

Acesso em 25 jun. 2018

O que essa exaltação significa? O protagonista plasmou-se sob qual lastro?

Rebouças, segundo Hebe Mattos (2013), foi estudado sob diferentes ângulos. Por ser um intelectual de vasta produção e ter deixado registros diversos como os seus *Diários*, os sete volumes de *Registro de Correspondências* (de 1891-1893), cartas aos amigos íntimos como Alfredo Taunay e Joaquim Nabuco, entre outros escritos, tais materiais permitiram o estudo de sua trajetória de forma bastante abrangente. E, ainda, os pesquisadores tiveram à sua disposição além da documentação assinalada, outros papéis de seu arquivo pessoal que constituíam “a escrita de si”, além dos livros de sua autoria (Agricultura Nacional Rural, etc) e as suas contribuições para jornais e revistas da época, a exemplo da Revista do Clube dos Engenheiros.

Percorrendo essa bibliografia os seus feitos se projetam e pode-se aventar hipóteses sobre o seu credenciamento para homenagens públicas de alcances e projeções para além do Rio de Janeiro. Mesmo sendo um intelectual irrequieto e sabedor de sua condição de marginalidade na sociedade, associada à sua cor, os seus feitos se fixaram no imaginário coletivo na qualidade de constructo da Nação. Com isso acabou ganhando o reconhecimento que o projeta como exemplo para os demais cidadãos em que pese o seu fim trágico.

A historiografia ajuda, ainda, a recuperar os seus projetos que não foram apenas na área de engenharia que já ganhara notoriedade ao longo do século XIX. Por exemplo, a

estrada de ferro que liga Curitiba ao porto de Paranaguá, obra de engenharia, assinada pelos irmãos Rebouças — André e Antônio —, é reconhecida por sua concepção altamente avançada. E ainda as realizações de engenharia desenvolvidas em alguns portos brasileiros e as obras relativas a questões de abastecimento d'água no Rio de Janeiro e em outros lugares certamente alavancaram esse reconhecimento público.

Para além dessas realizações, Maria Alice Resende de Carvalho (2017), no texto “*Três pretos tristes: André Rebouças, Cruz e Sousa e Lima Barreto*” recupera as percepções e os projetos distintos para o país desses protagonistas, projetos esses que ficaram à margem no transcurso dos rearranjos na montagem da República, diferentemente de outros intelectuais contemporâneos que se acomodaram às engrenagens da nova estrutura de poder.

Já no texto “*Pela palavra e pela imprensa: André Rebouças e propostas sociais para o Brasil do final do XIX*” Andrea Santos Silva Pessanha (2013) analisa a atuação do protagonista na imprensa, que defende ser esse espaço primordial para o debate de ideias e de transformações sociais. A autora recupera em seus textos do período pós abolição a avaliação que Rebouças faz sobre a incompletude da obra abolicionista ao defender que ela precisa ter continuidade, sinalizando duas direções: o combate à pobreza e a divisão da propriedade para dar terra àqueles que nela trabalham e estão excluídos de sua posse/propriedade. Nesse sentido, a redefinição do modelo de propriedade da terra era fundamental porque propiciaria as mudanças necessárias ao país e não o assistencialismo voltado ao combate à mendicância, como alguns sugeriam naquela conjuntura.

Outros aspectos foram explorados por Hebe Mattos que centra suas reflexões em sua trajetória a caminho e na África, no período de autoexílio, após a morte de D. Pedro II. A autora acompanha o seu entusiasmo e também a metamorfose e reconhecimento de sua identidade negra, ao mesmo tempo brasileira e africana, bem como sua decepção pelo que vê em alguns países visitados na África que põe por terra os ideais civilizatórios sonhados que poderiam ligar o continente africano à Europa, e garantir novos rumos da civilização.

A importância de André Rebouças para a modernização do país e para a abolição da escravatura revela-se, como já observamos anteriormente, na toponímia de várias cidades brasileiras, a exemplo de rua Engenheiros Rebouças, em Curitiba, de rua Rebouças, em São Paulo, e do túnel homônimo, no Rio de Janeiro, etc. Isso significa que o protagonista inscreveu seu nome muito além dos seus desígnios e dissabores consigo mesmo, ao vislumbrar sua incapacidade de realização de alguns de seus projetos de país que iam além do consenso desenhado naquela conjuntura de rompimento com o modelo monárquico de estrutura de poder, mesmo que sob paradigmas da ordem liberal¹⁶.

O protagonista Theodoro¹⁷ Sampaio que recebeu a honraria de ter o seu nome consagrado numa rua, no bairro de Pinheiros, em São Paulo¹⁸, nasceu em sete de janeiro de 1855 no engenho Canabrava, na Bahia, pertencente ao coronel Manoel Lopes da Costa e Pinto – o Visconde de Aramaré, na freguesia de Nossa Senhora da Ajuda de Bom Jardim. Seus pais eram a escrava Domingas da Paixão e o Padre Manuel Fernandes¹⁹.

Nas informações recuperadas por Ivoneide de França Costa, em sua dissertação de Mestrado *O rio São Francisco e a Chapada Diamantina nos desenhos de Teodoro Sampaio* (2007), o nascimento de Theodoro Sampaio deu-se antes que se promulgasse a lei do “Ventre Livre” de vinte oito de setembro de 1871. Nesse aspecto, diz a autora que Walfrido Morais escreve que Theodoro teria obtido alforria, dada pelo Padre Manuel Fernandes, ainda muito cedo, na condição de padrinho ou protetor, eufemismo para camuflar sua paternidade. Além da liberdade, ainda lhe ofereceu todo o amparo na infância e na juventude, o que lhe garantiu os estudos básicos²⁰ na ordem religiosa a qual estava vinculado. Isso se concretizou em 1865, aos nove anos de idade quando o seu pai o levou “[...] para o Rio de Janeiro e lá ficou no internato do Colégio São Salvador. Concluiu nesse colégio os seus estudos preparatórios em 1870.” (COSTA, 2007, p. 40) No último ano, em virtude da doença de seu pai que não podia mais arcar com suas despesas, Theodoro teve a colaboração do diretor daquela instituição, ao permitir sua continuidade no internato. Em decorrência, para viabilizar essa nova situação, passou então a ajudar nas aulas de matemática.

Após o término de seus estudos básicos, inscreveu-se no curso de engenharia da Escola Militar formando-se engenheiro civil pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1876. Durante o curso, dedicou-se com empenho às disciplinas de desenho, habilidade que marcou a sua carreira posteriormente, não só na elaboração de mapas, mas no registro das paisagens, flora e fauna por onde passou em suas atividades de trabalho na qualidade de engenheiro. Durante esse processo ele foi professor de disciplinas diferentes. No Colégio São Salvador lecionava matemática e, mais tarde, lecionou desenho no Museu Nacional, local onde conheceu Orville Derby, cientista americano (formado em História Natural) com o qual teve diversas parcerias de trabalho ao longo da trajetória de ambos. Menciona ainda os debates científicos que ocorriam no Museu Nacional, do qual o Imperador D. Pedro II participava recorrentemente. Em sua avaliação, foi um período de significativo aprendizado profissional.

Sintetizando sua trajetória, Sampaio destacou-se em sua carreira na participação de obras públicas e também como político. Inicialmente trabalhou na Comissão Hidráulica do Império e também em São Paulo, por indicação de Derby. Em outras palavras, em 1879 Sampaio fez parte da Comissão Hidráulica do Império. Projetou os melhoramentos do Porto

de Santos, estudo publicado em um artigo na Revista de Engenharia, de 10 de agosto do mesmo ano. Em 1883, foi nomeado primeiro engenheiro da Comissão de Melhoramentos do Rio São Francisco. Em 1886, fez o levantamento para a carta geológica de São Paulo. Em seguida, fez parte de várias outras comissões do Império, visando o desenvolvimento do Brasil. Independentemente de mudança de regime político, continuou seu trabalho de engenheiro participando de outros projetos.

Quando do término destes trabalhos, veio para São Paulo a convite do governo do Estado, indicado por Derby. Na capital paulista, Theodoro Sampaio chefiou algumas obras e foi Chefe da Repartição de Águas e Esgotos e realizou os trabalhos pioneiros no Brasil, na Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, em companhia de Orville Derby. Essas experiências de trabalho foram se consolidando também em amizade e respeito mútuo. Após este trabalho voltou para a Bahia em 1905 e dedicou-se às obras de saneamento de Salvador. Elegeu-se Deputado Federal pela Bahia, defendendo temas que diziam respeito ao saneamento das cidades brasileiras. No período em que residiu em São Paulo, e mesmo depois de haver regressado à Bahia, colaborou sistematicamente no jornal "*O Estado de S. Paulo*", com escritos históricos referentes a São Paulo.

Ivoneide de França Costa (2007) na obra citada, refaz sua trajetória pessoal e profissional, enfocando suas áreas de interesse pessoal, seus professores e sua rede de sociabilidade. Além da formação técnica, a autora evidencia sua sensibilidade artística e gosto pelo desenho que se traduz no olhar especial que lança sobre as paisagens e os habitantes ao seu redor. Nesse sentido, suas expedições de trabalho na área de engenharia vão além do mapeamento e prospecção. Incorpora também os registros das paisagens e das populações que habitavam os locais por onde circulou naquelas expedições. O gosto pela escrita e pela pesquisa permitiu que transformasse essas experiências em livros. Ou seja, deixou as seguintes publicações: "*O tupi na geografia nacional*" (1901), "*O rio São Francisco e a chapada Diamantina*" (1906), "*Atlas dos Estados Unidos do Brasil*" (1908) e, em 1922, escreveu a introdução geral do "*Dicionário histórico, geográfico e etnográfico do Brasil*".

Theodoro Sampaio também pertenceu e criou instituições relativas ao seu campo de atuação. Foi presidente do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e fundador do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, além de ajudar na montagem do curso de engenharia da USP.

A sua foto, abaixo, traz a imagem de um homem bem vestido, cabelos grisalhos denotando que já realizou o percurso significativo de sua existência. É geralmente descrito pela sua erudição e postura educada no trato com as pessoas. Consta de sua biografia que

enviuvou e casou-se novamente, após um certo tempo. Portanto, apresenta uma trajetória vitoriosa nos parâmetros da sociedade burguesa.



Imagem 3: Theodoro Fernandes Sampaio (07/01/1855-11/10/1937)

Fonte: Copyright © Guia Geográfico - Teodoro Sampaio, Biografia de Baianos Ilustres
<http://www.bahia-turismo.com/historia/teodoro-sampaio.htm>
Acesso em 25 de jun. 2018

Além dos perfis dos protagonistas já delineados, cabe realçar um ponto em comum entre eles que foi o fato de suas famílias, originárias da Bahia, terem se deslocado para o Rio de Janeiro, centro dos acontecimentos políticos e culturais de seu tempo e capital da Corte Imperial. Certamente por ser a sede do poder, alguns estavam comprometidos com o exercício de atividades políticas, como Antônio Pereira Rebouças, pai de André Rebouças, que foi representante da Bahia na Câmara dos Deputados em diversas legislaturas e Conselheiro do Império. A Corte também oferecia melhores condições de trabalho aos seus progenitores e, em certa medida, propiciava rede de proteção por se tratar de homens livres, porém negros. Exemplo disso, são certas atitudes do Imperador em relação a André Rebouças (considerado o seu homem de confiança e interlocutor assíduo nas discussões sobre os conhecimentos científicos) e a Theodoro Sampaio que em reunião de trabalho teve o convite do Imperador para sentar-se à mesa ao seu lado. Isso indica que, subliminarmente, ambos tiveram o próprio Imperador como o protetor mor. Mesmo assim, não os livrou dos preconceitos, como assinalou Theodoro Sampaio por ocasião de convite de ministro de Estado para integrar expedição oficial, e a surpresa de não constar seu nome no Diário Oficial. O episódio foi corrigido pelo próprio ministro.

Ambos estudaram em escolas públicas pertencentes às Forças Armadas e depois de formados, foram indicados, por serem engenheiros, para projetos públicos diversos. Theodoro Sampaio foi convidado para integrar expedição de estudos do rio S. Francisco, durante o Império. Esse trabalho teve continuidade em São Paulo, durante a República, em relação ao rio Paranapanema, etc. Já André Rebouças era considerado o “homem de confiança” do Imperador D. Pedro II, desenvolvendo projetos de larga envergadura, atinentes à questão do abastecimento d’água no Rio de Janeiro e em outros lugares, a melhoria dos portos visando garantir o aparelhamento das vias marítimas e fluviais de transportes, além de execução de obras paradigmáticas do sistema ferroviário brasileiro. Destacou-se por suas ideias inovadoras nesse campo que se estendeu aos experimentos técnicos no uso de materiais. A trajetória de Luiz Gama foi outra. Embora tenha nascido livre tornou-se escravo, por decisão de seu pai. Foi morar em São Paulo com o seu novo dono, libertando-se da escravidão por esforços próprios ao comprovar anos depois, após aprender a ler sozinho, que nascera livre. Viveu em São Paulo por 40 anos. O que se sabe é que ele também teve o seu protetor e construiu sua ampla rede de relações entre intelectuais e jornalistas engajados na causa da abolição, voltando os seus escritos para os segmentos considerados pilares de sustentação da escravidão: a Monarquia, a Igreja e a magistratura.

Avançando a discussão para a escultura dedicada a Mãe Preta, trata-se de uma homenagem de meados do século XX, o que não impediu que trouxesse a marca de um fato memorial, que veicula múltiplas leituras²¹ sobre as características da escravidão do país. Nesse sentido, tal imagem sintetiza significativa batalha pela memória dos feitos dos pretos ao longo dos séculos, no país e em São Paulo, particularmente que foi travada nos preparativos do IV centenário da cidade. Nessas comemorações os pretos foram “esquecidos”. Todas riquezas produzidas por eles, sob o cativeiro, foram simplesmente banidas, considerando que os mesmos estavam excluídos dos grandes eventos que ocorreriam na cidade, a não ser em situações típicas, genéricas e “exóticas”, como a exibição nos festejos carnavalescos, e na exposição de comidas típicas durante as festividades. Essa exclusão gerou muitas críticas e a movimentação de suas lideranças que propuseram a criação de um museu afro-brasileiro no Parque do Ibirapuera, exibindo os instrumentos de tortura que foram usados para subjugar-los e as suas manifestações culturais escultóricas, de todo tipo. A proposta foi recusada e no vai e vem das negociações e pressões, saiu a figura de conciliação: a escultura à Mãe Preta que supostamente unia os dois mundos. Era uma ideia defendida desde a década de 1930 pelos pretos do Rio de Janeiro e encampada por parte da comunidade negra paulistana. No caso em pauta, o assunto foi retomado por membros do Clube 220 que congregava o movimento negro de São Paulo. A partir do contato com o vereador Elias Shammás o projeto escultórico

prosseguiu e foi aceito pelo Prefeito Jânio Quadros como parte das atividades do IV Centenário da cidade. Foi aberto concurso para sua realização, como parte integrante das ditas comemorações, resolvendo assim as querelas quanto à exclusão dos pretos da memória de São Paulo e de suas realizações centenárias.

Independentemente do sentido que a própria imagem procura expressar, sob o manto idílico, embora fosse uma escultura sob os princípios modernistas, subjaz no tributo o silêncio sobre o destino dos bebês da Mãe Preta que as personagens representadas (a Mãe Preta e o bebê branco), não conseguem silenciar.



Imagem 4: Mãe Preta – inaugurada em 25/01/1955 – Largo do Paissandu/SP

(Estátua de bronze – 2,20 de altura x 2,60 de largura) de autoria de Júlio Guerra

Fonte: São Paulo (Cidades). Prefeitura Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. Divisão de Preservação – *Catálogo das obras de arte em logradouros públicos de São Paulo: Regional Sé* – São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1987.

O realismo das vestes sugere que essa negra se encontra submetida à escravidão, situação reafirmada nos versos de Ciro Costa na placa frontal da obra que desconstroem o amálgama e a harmonia sugeridas: “Na escravidão do amor a criar os filhos alheios/Rasgou, qual pelicano, as maternas entranhas/E deu à pátria livre, em holocausto os seios”.

O monumento foi contestado pelo militante negro José Correia Leite, por não ser fiel historicamente a ama de leite que era bonita e bem vestida o que não condiz com tal figura “deformada” (ANTUNES, s/d).

Independentemente de sua dimensão conciliadora e de traduzir laços afetivos posteriores como a produção historiográfica tem revelado (MARTINS, 2005), essa

representação reafirma outra leitura possível que seria o reforço do mito da escravidão benevolente.

As homenagens e sua significação: Do grupo ao imaginário social

Após o rastreamento da trajetória e significado desses homens ou mulheres-memória, fica claro que aqueles que foram contemplados com a honraria estão muito além de uma pessoa comum. Os seus feitos os inscrevem nos quadros daqueles que se projetaram pelo talento em cada área do conhecimento, independentemente da cor de sua pele, formulação dialógica que fustiga o “silêncio” e o “soterramento” dos feitos desses protagonistas e de sua memória que perduraram por longas décadas ao longo do século XX. Por serem homens do século XIX, vinculados a outra ordem política, foram “esquecidos” em que pese o papel ocupado no constructo da Nação. É possível aventar outra explicação para esse “silêncio”. Penso que se inscreve noutra leitura de país, diretamente vinculada a certo ideário do qual os negros foram excluídos. Tanto é assim que os irmãos Rebouças não tiveram o reconhecimento de acordo com as dimensões e importância de suas contribuições, seja no campo da engenharia, seja nas lutas pela abolição da escravidão. O que fez aflorar essa “memória subterrânea” que bloqueou o “esquecimento” como pontua Michael Pollak no texto *Memória, esquecimento, silêncio* (POLLAK, 1989) sobre os ideários e realizações daqueles sujeitos por tanto tempo?

A resposta a essa pergunta é bastante difícil, pela complexidade que ela comporta. Alguns indícios, porém, sinalizam que as mudanças vislumbradas na década de 1950 indicam outro perfil e projetos de modernidade²² que entram em disputa trazendo novamente a questão da identidade do país²³. Nesse processo, reaparecem as homenagens àqueles protagonistas, inclusive à mãe preta. Embora as referências iniciais sejam datadas de 1916 (Theodoro Sampaio e Antonio Rebouças), sua reafirmação, mediante Lei, remonta à década de 1950. À margem do circuito oficial, na década de 1930, tem-se às homenagens a Luiz Gama que é laureado por iniciativa das lideranças negras de São Paulo que em seus jornais reavivam para o grupo os feitos memoriais daqueles que se projetaram na luta contra a escravidão. Partiu do grupo de o *Progresso*, em 1931, a iniciativa de imortalizar o nome e imagem de Luiz Gama em Praça Pública, com escultura própria. Mesmo assim, o alargamento e exposição de sua imagem naquele espaço somente ocorreu 49 anos após a sua morte.

Outro aspecto pode ser realçado. Entre os homenageados, Luiz Gama e Rebouças aparecem como paradigma para as lideranças negras ao longo do século XX, com registros em seus jornais, em eventos cívicos e, posteriormente, nos enredos das escolas de samba.

Nos impressos eles foram lembrados como referência de engajamento em defesa dos cativos. Por exemplo, foram lembrados os feitos de Luiz Gama como advogado na defesa de escravos que foram libertados em decorrência de seu trabalho de causídico. Por essas ações tornou-se homem-memória, cujo alcance tem ultrapassado as fronteiras do grupo, projetando-se pelos seus conhecimentos jurídicos.

Afora os tributos recorrentes e convencionais, Luiz Gama, Rebouças (e José do Patrocínio) foram homenageados, em 1974, pela Escola de Samba Morro da Casa Verde em seu samba-enredo *Redenção*. Outros protagonistas que lutaram contra a escravidão também receberam tributos, a exemplo de José do Patrocínio que foi tema em 1966, 1974 e 1977 e Zumbi de Palmares que, miticamente, assume a referência principal do grupo, sendo motes de enredos de escola de samba de São Paulo em 1970, 1972 e 1982²⁴. Theodoro Sampaio recebeu homenagem, recentemente, do Museu Afro Brasil, com a exposição em homenagem pelos 70 anos de sua morte, intitulada *Theodoro Sampaio, o sábio negro entre os brancos*. O curador da mostra o elogia e diz tratar-se de “brasileiro exemplar”. Prossegue na Apresentação do catálogo/livro, para publicação, com a justificativa esclarecedora sobre o ato, ao dizer que “Homenagear essa trajetória luminosa e singular é uma forma de resgatar sua memória e realçar sua importância”.

Assim, esse esforço recorrente de relembrar tais atos validam a importância das “lutas de representações” como explora Chartier ao reafirmar que elas “[...] têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e os seus domínios.” (CHARTIER, 1990, p.17) Tanto é assim que ecos de disputas pela memória também se fizeram presentes no preito à Mãe Preta, que não foi consensual, na ocasião, entre as lideranças negras. Parte dela, sentiu-se representada, mas outra, mais crítica, sentiu-se afrontada com tal tributo, por conferir importância àquela mulher negra que aparecia intimamente associada ao sistema escravista. Portanto, a representação não a desvencilhava dos grilhões do cativeiro e servia de reforço ao mesmo ideário (LOPES, 2007).

Nesse sentido, os tributos certamente não se relacionam somente aos aspectos étnicos e sim as contribuições excepcionais que marcaram a trajetória pessoal desses sujeitos, cujos legados difundiram-se além de suas vivências temporais, conferindo às suas realizações e valores, um perfil diferenciado ao país. Ao mesmo tempo, são referências para o seu grupo originário, considerando que o busto em homenagem a Luiz Gama e a Mãe Preta ainda hoje são reverenciados, indicando que os laços de pertença se mantêm vivos. Esses tributos têm sido recorrentes em datas cívicas, tais como os dias 13 de maio (data da abolição da escravidão) e no Dia da Consciência Negra (20/11). Nesses momentos são

ofertadas/os flores, velas e presentes alusivos ao campo cultural/religioso dos pretos, como reconhecimento de seus sacrifícios para sobreviver ou no engajamento político em defesa dos interesses de todos aqueles que estiveram submetidos ao cativeiro.

Considerações finais²⁵

Não se trata de um tema qualquer. Poder-se-ia pensar que as homenagens se destinam a homens (e mulheres) que ultrapassaram dimensões de seu tempo, pelas suas realizações e disposição para colaborar no constructo do país, com os seus conhecimentos e inventividade. Nesse sentido, as homenagens extrapolam as suas origens, cor ou preferência, aparentemente desgarradas do grupo. Elas realçam as contribuições singulares desses protagonistas, com os seus talentos especiais, disposição e valores que se destacaram em sua trajetória, visando contribuir com o processo civilizador, que não é condizente com nenhuma forma de cativeiro. Independentemente das diferenças e posições políticas, há certos alinhamentos entre eles, como por exemplo, a negação da escravidão. André Rebouças era monarquista tal qual Theodoro Sampaio. Luiz Gama (um pouco mais velho do que Rebouças) era republicano fervoroso. De origem social distinta, ambos travaram embates ferrenhos pela imprensa contra o sistema escravista, comungando da crença de que a palavra era uma arma poderosa para fustigar o inimigo. Ambos construíram uma rede de relações que serviu de biombo e proteção contra os estigmas da escravidão, muito embora Rebouças estivesse no circuito de poder da Corte, diretamente ligado ao Imperador, diferentemente de Luiz Gama que circulava entre segmentos da elite intelectual e jornalística paulistana que não participavam daqueles circuitos decisórios.

Independentemente das trajetórias individuais desses protagonistas, a força de sua fixação memorial encontra-se no próprio grupo e sua condição de marginalidade naquela sociedade e na atual, considerando que sem essas referências parte de seu sentido é anulado por perda dos meios que propiciam sua materialidade e inserção específicas. Nesse sentido, esses marcos memoriais não podem prescindir das recorrentes homenagens e lembranças que garantem a sua consolidação enquanto memória coletiva e não apenas de um grupo específico.

Recebido em: 29/10/2018

Aprovado em: 10/11/2018

NOTAS

¹ As causas defendidas por Rebouças continuam atuais. Passados 120 anos de sua morte, o país continua enfrentando os mesmos problemas: a miséria, a escravidão e concentração da propriedade nas mãos de poucos. A violência e morte daqueles que lutam para reverter esse quadro de injustiça social são recorrentes, além de enfrentarem a criminalização pelas elites de suas lutas.

² Este texto integrou o GT “*Bens culturais: memórias, identidades e cidadania*” que foi apresentado no XIV Congresso da BRASA, de 25 a 28 de julho de 2018, na PUC/RJ.

³ Esta escultura sugere tratar-se de representação de uma mulher que se situa além da condição humana. Porém, tal intenção não resiste às pesquisas especializadas que informam sobre as dificuldades de mães negras assimilarem as “perdas” e separações forçadas de seus filhos, ainda bebês. Jurandir Freire Costa diz que “As escravas, separadas à força de seus filhos, sofriam abalos morais que estragavam o leite com que deviam amamentar os recém-nascidos de elite. Ou então, deprimidas e contrariadas, tratavam com má-vontade, preguiça e crueldade as crianças de que se ocupavam.” (COSTA, 1999, p.168).

⁴ Antonio Pereira Rebouças Filho nasceu em 13 de junho de 1839 e faleceu em São Paulo, em 24 de maio de 1874.

⁵ Carlos Marighela foi assassinado pela ditadura militar em 1969.

⁶ O tema será estudado em outra pesquisa envolvendo essas personalidades ilustres visando a publicação de um livro.

⁷ Embora os irmãos Rebouças trabalhassem juntos, a Avenida Rebouças, em São Paulo, é um tributo a Antonio Pereira Rebouças Filho que foi o responsável pelas obras, entre outras, dos trechos da Estrada de Ferro de Campinas a Limeira e Rio Claro e não a André Rebouças.

⁸ O nome da rua Teodoro Sampaio foi oficiado no Ato nº 972, de 24 de agosto de 1916 e reafirmado por Prefeitos em Ato de 13/03/1935; Ato 1504/1937 e por Lei em 04/05/1950.

⁹ Essa trajetória foi pouco explorada pelos pesquisadores a seu respeito. O próprio Gama não menciona o nome do pai.

¹⁰ Participou de outro jornal, *O Radical Paulistano* (1869-1870). Foi seu diretor, juntamente com Américo de Campos e Bernardi Pamplona de Meneses (FERREIRA, 2007, p. 285).

¹¹ O conceito de representação (CHARTIER, 1990) já sofreu significativas críticas, como avalia o próprio Chartier. No texto *Defesa e ilustração da noção de representação* o autor responde às questões levantadas por seus críticos e reafirma a sua importância para compreender o universo de valores dos sujeitos e suas visões de mundo sobre as questões que fazem parte de suas vivências e percepções do mundo social, do passado e do presente (CHARTIER, 2011).

¹² O seu pai Antônio Pereira Rebouças era “[...] mulato autodidata que recebeu o direito de advogar em todo país; foi representante da Bahia na Câmara dos Deputados em diversas legislaturas e Conselheiro do Império.” Casou-se com Carolina Pinto Rebouças, filha única do comerciante André Pinto da Silveira. Em 1846 Rebouças mudou-se para o Rio de Janeiro, instalando-se no sobrado, na atual Rua do Riachuelo, n. 64. O casal teve oito filhos, sendo André o seu primogênito (CARVALHO, 1998, p. 11).

¹³ O irmão Antônio Pereira Rebouças Filho nasceu em Cachoeira no dia 13 de junho de 1839 e faleceu em São Paulo, em 24 de maio de 1874. Foi um engenheiro militar, como já apontado, responsável pela construção da Estrada de Ferro de Campinas a Limeira e Rio Claro, Estrada de Ferro Curitiba Paranaguá e a rodovia Antonina-Curitiba conhecida como estrada da Graciosa.

¹⁴ Essa perda de referência ele deixa a entender aos amigos que insistem em sua volta e ao antigo emprego de professor.

¹⁵ A derrocada do império foi um golpe que trouxe abalos irreparáveis em sua vida que já acumulava algumas perdas dolorosas, como a morte prematura de seu irmão Antônio e, mais tarde, do pai que tanto admirava. E, posteriormente, de sua querida mãe.

¹⁶ Alguns lugares do país fizeram homenagens aos irmãos Rebouças pelas suas contribuições àquelas localidades, no campo da engenharia, a saber: O túnel Rebouças, no Rio de Janeiro, foi assim nomeado em memória de André Rebouças e Antonio Rebouças. Os irmãos Rebouças também foram homenageados em outras cidades do Brasil. Em Porto Alegre o agraciado com nome de rua foi o Engenheiro Antonio Rebouças e em Curitiba (bairro Rebouças e Rua Engenheiros Rebouças). O nome da cidade de Rebouças (Paraná) também é um tributo ao engenheiro Antonio Rebouças bem como a Avenida Rebouças, na cidade de São Paulo (originalmente chamada de Doutor Rebouças). André Rebouças, além de nome de ruas, túnel, também teve seu nome consagrado no “Navio André Rebouças” - batizado em dezembro de 2014 e viagem inaugural em maio de 2015.

¹⁷ Mantive a grafia de seu nome, seguindo o seu registro oficial.

¹⁸ Theodoro Sampaio, teve nome de rua na capital paulista e, duas cidades prestam tributo ao engenheiro, uma no interior paulista e outra na Bahia.

¹⁹ Em sua biografia ele apenas menciona que o pai era “[...] branco, homem culto de uma família de lavradores, senhores de engenho no Recôncavo de S. Amaro.” (SAMPAIO, s/d p.141). Sugere que nasceu livre.

²⁰ De acordo com Costa (2007), não se tem comprovação efetiva se Theodoro foi alforriado ainda pequeno ou se já nasceu livre. No obituário de Theodoro Sampaio está escrito Domingas Sampaio. Theodoro Sampaio: formação em Engenharia Civil e a sua habilidade em desenhar, predicado altamente valorizado por ele. Em sua biografia, não consta tal situação. Sabe-se que além da mãe, tinha mais três irmãos cativos, Martinho, Ezequiel e Matias. Theodoro Sampaio comprou a liberdade de todos (SAMPAIO, s/d p.39).

²¹ Como reafirma Chartier, “As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”. (CHARTIER, (1990, p. 17).

²² Estes projetos de modernidade podem ser percebidos na emergência de várias manifestações culturais, a exemplo do Cinema Novo (LUCAS, 2008) que discute o perfil do país, com suas exclusões e miséria; e, também, os chamados filmes de chanchada (FREIRE, 2011) que dividem os seus críticos, ora sendo vistos negativamente, ora como expressões do cinema nacional que se contrapõem à ideologia da americanização do país, com os seus anti-heróis surgidos do povo que são os seus principais protagonistas.

²³ As homenagens com registros de nomes de ruas embora datem de 1916, elas são provenientes de Atos administrativos e não de Leis que somente ocorrerão na década de 1950. Por exemplo, a Avenida Rebouças que homenageia Antonio Rebouças (Antônio Pereira Rebouças Filho), tem o primeiro registro em Ato de 1916, sendo confirmada em Ato de 1935, Ato de 1937; e, por Decreto-Lei em 1942 e, finalmente, por Lei em 04/05/1950. O mesmo ocorre com a Rua Teodoro Sampaio. *Dicionário de Ruas. Prefeitura do Município de São Paulo, s/d.*

²⁴ O samba-enredo “Redenção”, de 1974, faz parte de pesquisa em andamento que tem nos enredos as principais fontes para reflexão dos carnavais paulistanos. Nessas representações aparecem os heróis e personalidades negras que foram homenageados pelas agremiações por servirem de referências aos contemporâneos, por seus engajamentos político-culturais em defesa dos negros ao longo dos tempos, em diferentes causas (In: SASP - Sociedade Amantes do Samba Paulista. Acesso em 29/10/2017).

25 Agradecimentos - Não poderia deixar de agradecer as colaborações preciosas, em situações diferentes, de Carla Lisboa Porto e Ellen Karin Dainese Maziero para a elaboração deste texto. Carla me presenteou o livro/catálogo da exposição sobre os 70 anos de morte de Theodoro Sampaio. E Ellen fez pesquisas nos arquivos da Câmara Municipal e no Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, sobre vários aspectos dos monumentos tratados no presente escrito. As fontes e o referido livro foram fundamentais para que eu pudesse acertar as lacunas e compreender as informações contraditórias e desconhecidas sobre os registros memoriais tributados aos protagonistas. A revisão de Rodolfo da Silva Alves também merece realce pelo seu trabalho meticuloso quanto à escrita do texto.

FONTES

Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de São Paulo. [Verbete]

Dicionário de Ruas. Prefeitura do Município de São Paulo, s/d.

<http://www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/ListaLogradouro.aspx>

ANTUNES, Fátima. A Mãe Preta dos Paulistanos. In: Ladeira da Memória - Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria da Cultura. São Paulo, s/d.

Museuafrobrasil. Theodoro Sampaio. O sábio negro entre os brancos. Catálogo, s/d.

A Grande Iniciativa do “Progresso” sempre victoriosa! *Progresso*, S. Paulo, 23 de junho de 1931, Num. 37.

Progresso, S. Paulo, 31 de julho de 1931, Num 38, (p.1).

São Paulo (Cidades). Prefeitura Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. Divisão de Preservação – Catálogo das obras de arte em logradouros públicos de São Paulo: Regional Sé – São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1987. Secretaria Municipal de Cultura. Dicionário de Ruas. Prefeitura da cidade de São Paulo. s/d.

SASP - Sociedade Amantes do Samba Paulista.

http://www.sasp.com.br/A_CARNAVAIS.asp#.WejskGhSyUk Acesso em 29 out. 2017.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. *A História cultural. Entre práticas e representações*. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. *Fronteiras*, Dourados, v. 13, n.24, p. 15-29, jul/dez. 2011.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *O quinto século. André Rebouças e a construção do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Revan: IUPERL-UCAM, 1998.

_____. Três pretos tristes: André Rebouças, Cruz e Sousa e Lima Barreto. *Topoi (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 34, p. 6-22, jan/abr. 2017.

COMPARATO, Fábio Konder. Luiz Gama, contemptor de nossas falsas elites. *Estudos Avançados*, 26 (75), 2012.

COSTA, Ivoneide de França. O rio São Francisco e a Chapada Diamantina nos desenhos de Teodoro Sampaio. Feira de Santana: Salvador, 2007.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e Norma familiar*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FERREIRA, Ligia Fonseca. Luiz Gama: um abolicionista leitor de Renan. *Estudos Avançados*, 21 (60), 2007.

FREIRE, Rafael de Luna. Descascando o abacaxi carnavalesco da chanchada: a invenção de um gênero cinematográfico nacional. *Revista Contracampo*, Niterói, nº 23 dezembro de 2011.

LOPES, Maria Aparecida de Oliveira. *História e Memória do negro em São Paulo: efemérides, símbolos e identidade (1945-1978)*. 2007. 233f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2007.

LUCAS, Meise Regina de Lucena. Ver, ler e escrever: a imprensa e a construção da imagem no cinema brasileiro na década de 1950. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 28, nº 55, p. 19-40 – 2008.

MATTOS, Hebe. André Rebouças e o Pós-abolição: entre a África e o Brasil (1888-1898). Natal: Anpuh, XXVII Simpósio Nacional de História, jul/2013.

MARTINS, José de Souza. Mãe Preta de sinhozinho branco. *O Estado de S. Paulo*, 22/10/2005. In: Monumento Mãe Preta – Monumento II. Secretaria Municipal de Cultura.

NORA, Pierre. Entre memória e História. A problemática dos lugares. Tradução: Yara Khouri. Projeto História, SP: Educ, n.10, p. 7-28, 1993.

PESSANHA, Andréa Santos da Silva. *Pela palavra e pela imprensa: André Rebouças e propostas sociais para o Brasil do final do XIX*. Natal: Anpuh, XXVII Simpósio Nacional de História, jul/2013.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*, vol. 2, 1989.

SOARES, Anita Maria Pequeno. “O Negro André”: a questão racial na vida e no pensamento do abolicionista André Rebouças. *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, p.242-269, 2017.